

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosely Gonçalves da Silva

**CINEMA NO RECREIO:  
POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO ENTRE CINEMA, ESCOLA E  
INFÂNCIA**

Belo Horizonte

2015

Rosely Gonçalves da Silva

**CINEMA NO RECREIO:  
POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO ENTRE CINEMA, ESCOLA E  
INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clarisse Alvarenga

Belo Horizonte

2015

Rosely Gonçalves da Silva

**CINEMA NO RECREIO:  
POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO ENTRE CINEMA, ESCOLA E  
INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 9 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Clarisse Maria Castro de Alvarenga – Faculdade de Educação/ UFMG

---

Eugênio Magno Martins de Oliveira – Doutorando/Fae/UFMG/ Grupo Mutum

***“O cinema abre-nos os olhos, os coloca na justa distância e os põe em movimento. Algumas vezes, faz isso enfocando seus objetivos sobre as crianças. Sobre seus gestos, sobre seus movimentos, sobre sua quietude e sobre seu dinamismo. Sobre sua submissão e sobre sua indisciplina. Sobre suas palavras e sobre seus silêncios. (...) O cinema olha a infância e nos ensina a olhá-la”.***

***(Inês Teixeira)***

## RESUMO

Estudos e pesquisas recentes têm apontado as contribuições relevantes que o contato com o cinema e com os “bons” filmes podem propiciar para a ampliação do repertório cultural e desenvolvimento das aprendizagens. Apesar disso, o trabalho com cinema é uma prática ainda pouco adotada nas escolas brasileiras. Nesse cenário, torna-se fundamental que se promova mais espaços de convívio com o cinema enquanto arte, nas instituições de ensino. No intuito de promover esse espaço para o cinema dentro escola, foi desenvolvido na Escola Municipal Edith Pimenta da Veiga o projeto de Cineclube “Cinema no Recreio”. A proposta de implementar o projeto de Cineclube nessa instituição, se constituiu como uma forma de aproximar as crianças do “universo do cinema” e propiciar experiências mais amplas relacionadas á arte e á cultura, a partir de um contato mais próximo com os filmes.

**Palavras-chave:** Cinema, escola, recreio, crianças

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2. ESCOLA, CURRÍCULO E CINEMA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. CINEMA NO RECREIO: POR QUE E PARA QUE?.....</b>	<b>15</b>
<b>4. ENFIM: “A INFÂNCIA VAI AO CINEMA” .....</b>	<b>22</b>
<b>5. O ENCONTRO DAS CRIANÇAS COM OS FILMES: GRATAS SURPRESAS À CAMINHO .....</b>	<b>26</b>
<b>6. OUTROS DESDOBRAMENTOS .....</b>	<b>47</b>
<b>7. TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>50</b>
<b>8. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>9. FILMOGRAFIA .....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Apesar de estudos apontarem as contribuições relevantes que o contato com o cinema e com os “bons” filmes podem propiciar para a ampliação do repertório cultural e desenvolvimento das aprendizagens, o trabalho com cinema é uma prática ainda pouco adotada nas escolas brasileiras. Por vezes, o trabalho com filmes é relegado à segundo plano e quando acontece, é geralmente para preencher horários vagos e suprir falta de professores ou então, os filmes são utilizados somente para ilustrar conteúdos de algumas disciplinas.

No intuito de superar esse cenário, e visando levar a sétima arte ao encontro das crianças e educadores da Escola Municipal Edith Pimenta da Veiga, surgiu a ideia de realizar um projeto de Cineclubes nessa instituição de ensino.

Essa escola pertence à Prefeitura de Belo Horizonte e localiza-se na regional Barreiro. As crianças que estudam nessa escola são moradoras das comunidades e vilas localizadas em seu entorno. Muitas dessas crianças permanecem o dia todo na escola e, são atendidas pelo Programa Escola Integrada, da Prefeitura de Belo Horizonte. Na região onde a escola Edith Pimenta da Veiga está localizada é grande a demanda por esse espaço, pois, os pais desses meninos e meninas, em sua maioria, trabalham o dia todo e, não tem onde nem com quem deixarem os filhos.

Trabalho na biblioteca dessa escola desde o ano de 2009. Durante todo esse tempo em que estou nessa instituição, venho percebendo que são poucas as atividades que as crianças fazem relacionadas às artes, em um aspecto mais amplo. Com relação mais especificamente ao cinema, presenciei raras atividades ou projetos que tratassem do tema.

É claro que, os meninos e meninas têm sim algumas experiências e vivências relacionadas ao cinema, sobretudo porque hoje em dia, com o avanço tecnológico, houve uma facilitação do acesso aos filmes, seja por meio da internet ou mídias digitais; sobretudo aos filmes do circuito comercial, que naturalmente são os que as crianças têm maior contato.

Na escola Edith Pimenta da Veiga, pelo menos uma ou duas vezes por ano, as crianças, principalmente as que fazem parte do Programa Escola Integrada, tem a oportunidade de sair da escola para irem assistir filmes. Normalmente, vão aos cinemas dos grandes shoppings da cidade, para assistirem os filmes do momento, geralmente, alguma super-produção de Hollywood. Às vezes, as crianças assistem filmes dentro do horário escolar mas, os filmes nesses momentos, normalmente são utilizados apenas como substitutos de alguma aula ou de algum professor.

Diante do que foi exposto, a proposta de levar o projeto de Cineclube para essa escola, se constituiu como uma forma de aproximar as crianças de experiências mais amplas, relacionadas ao “universo do cinema”. A ideia foi promover esse cinema no contexto escolar não apenas como mero entretenimento, mas, despertar os olhares das crianças e educadores para o cinema enquanto arte. Nessa medida, o projeto consistiu em realizar uma atividade de Cineclube na escola pelo menos uma vez por semana, e utilizou o horário do recreio, do 1º turno, para fazer a exibição de filmes.

A fundamentação teórica que utilizei para direcionar o projeto foi adquirida nas leituras de Fresquet, Migliorin, Bergala, Teixeira, Duarte, dentre outros autores que tiveram a educação e o cinema como objetos de estudo.

Durante o período de cinco meses, promoveu-se a exibição desses filmes na biblioteca da escola, para os estudantes do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental. A ideia de levar o cinema até essa instituição escolar foi pensada e organizada dessa maneira, almejando criar pontes e estreitar os laços entre a escola, o cinema e as crianças e, aguçar a sensibilidade e o olhar de estudantes e educadores dessa escola para a apreciação do cinema, enquanto arte.

Nessa perspectiva, o processo de aproximação do cinema com as crianças da escola Municipal Edith Pimenta da Veiga, constituiu-se como um encontro de possibilidades, que desde a sua gênese preocupou-se em democratizar o acesso aos filmes do circuito não comercial, que ainda são pouco difundidos e utilizados no âmbito escolar.

Os filmes selecionados para o projeto contemplaram os gêneros de animação e cinema mudo. Ao todo foram exibidos nove filmes, sendo todos eles curtas-metragens de no máximo quinze minutos. Considerando que o recreio da escola é de apenas vinte minutos, a opção pelos curtas-metragens se deu em virtude do tempo curto que teríamos para promover as exposições.

Entre os filmes selecionados para serem exibidos, foram contempladas produções brasileiras e estrangeiras, filmes atuais e antigos. Os títulos exibidos durante o projeto foram: *Laços de Liberdade*, 1918; *O Farol*, 2010; *A Maior flor do mundo*, 2007; *Cuerdas*, 2014; *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*, 2007; *Rua das Tulipas*, 2008; *Vida Maria*, 2006; *Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Lessmore*, 2011 e *La Luna*, 2011.

Ao se proporcionar às crianças e educadores dessa instituição o acesso a esses filmes que possuíam variedades de estilos, técnicas e linguagens, buscou-se criar dentro da escola um espaço promotor de enriquecimento cultural, preparado para promover o desenvolvimento das dimensões artísticas e estéticas e aguçar nas crianças e educadores a sensibilidade e o desejo de conhecer mais de perto o “mundo do cinema”.

Esse movimento de levar a sétima arte ao encontro dessa escola, visou permitir a construção de novos olhares e perspectivas acerca do cinema e sua função social e promover reflexões acerca da dimensão estética e educativa da imagem na sociedade contemporânea. Dentro do processo de implementação desse projeto considerou-se que, é preciso a escola voltar sua atenção para a dimensão que a imagem ocupa no dia-a-dia das crianças e como se processa essa relação delas com a multiplicidade de imagens com as quais têm de lidar no seu cotidiano.

Nesse sentido, acredito que foi importante trazer essa discussão para o espaço escolar e permitir reflexões sobre importância e as implicações do cinema na sociedade contemporânea. Penso que, ao adotar essa postura de mediadora, a escola acaba por assumir uma responsabilidade que também é sua, e passa a atuar como agente promotor de uma “educação do olhar” ou “alfabetização audiovisual”.

Enfim, foi nessa tentativa de aproximação entre as esferas (escola- cinema -infância) que o projeto “Cinema no Recreio” foi construído, vislumbrando propiciar aos participantes das sessões fílmicas o acesso ao conhecimento de outras linguagens estéticas; além de promover momentos de exercitação e experimentação da criatividade e inventividade e contribuir para a criação de um espaço significativo dentro da escola que proporcionasse novas experiências associadas ao cinema.

## 2. ESCOLA, CURRÍCULO E CINEMA

Em um artigo escrito por Alferes e Mainardes (2014), é apresentada uma abordagem do documento “Direitos de aprendizagem na alfabetização”<sup>1</sup>, no qual as autoras promovem uma discussão sobre, as implicações que a definição de diretrizes comuns para a alfabetização podem vir a exercer sob o currículo vigente no sistema educacional brasileiro.

No que se refere ao papel da escola, Alferes e Mainardes constataram que o documento “Direitos de aprendizagem na alfabetização” indica que a sua função é assegurar em uma perspectiva de letramento, a plena alfabetização das crianças, de modo a garantir que meninas e meninos estejam alfabetizados até os oito anos de idade, e que possam apropriar-se de conhecimentos acerca do mundo físico e social, das práticas de linguagem, de capacidades para interagir de modo autônomo, por meio de textos orais, escritos, de experimentar situações diversificadas de interlocução na sociedade.

Analisando a parte do documento que fala sobre: “garantir que durante a fase inicial de alfabetização as crianças tenham condições de apropriar-se das práticas de linguagem e de experimentar situações diversificadas na interação com a sociedade”, é preciso se atentar para o fato de que, a escola não pode negligenciar a influência que a imagem exerce sobre os sujeitos na sociedade contemporânea.

É necessário considerar que, em uma sociedade em que as imagens vêm fazer parte do cotidiano das crianças cada vez mais cedo, torna-se preciso repensar o currículo e o papel da escola como mediadora no processo de “educação audiovisual”.

Os textos com os quais interagimos hoje, não trazem apenas palavras escritas (a chamada linguagem verbal), mas são repletos de linguagens não verbais: imagens (sejam elas ilustrações ou fotografias), sons e variados recursos gráficos (PICCOLI, 2012, p. 23).

---

1 . O documento na íntegra encontra-se disponível no site:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18543:direitos-de-aprendizagem-do-ciclo-de-alfabetizacao-do-ensino-fundamental](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18543:direitos-de-aprendizagem-do-ciclo-de-alfabetizacao-do-ensino-fundamental).

Mediante esse aspecto, penso ser imprescindível que se disponibilize na escola espaços para a inserção efetiva do trabalho com cinema, no cotidiano das suas atividades profissionais e práticas culturais, e dessa forma, se promova momentos de reflexão sobre a importância estética e educativa da imagem e do cinema.

O currículo precisa sim caminhar numa perspectiva de alfabetização e letramento, e nesse sentido, é preciso se atentar para o fato de que os processos de leitura não se dão somente a partir da palavra escrita, mas também, da leitura das imagens e do contato com a diversidade de narrativas e linguagens. Nessa medida, é necessário que se promova a atualização do currículo em uma proposta de desenvolvimento das múltiplas aprendizagens.

Para tanto, o currículo escolar precisa ser repensado, buscando-se conectá-lo com o contexto atual, de modo que este venha oferecer elementos e subsídios acerca dessa nova demanda social relacionada ao uso da imagem, possibilitando estudos, reflexões e práticas sociais sobre a arte do cinema e das suas múltiplas dimensões, influências e narrativas.

No artigo Cinema, educação e direitos humanos, publicado na sessão Educar o Olhar, da revista Presença Pedagógica, os autores trazem a seguinte consideração:

[...] há uma forte demanda pela presença do cinema nas escolas, não apenas como recurso didático, ligado aos conteúdos dos filmes, mas também como experiência inventiva, estética e ética (DIAS & PAES, 2014, p. 54).

A escassez de trabalhos relacionados ao cinema dentro das escolas não é um fator isolado, que atinge apenas a escola Edith Pimenta da Veiga. A instituição escolar em sua trajetória ao longo da história, tem priorizado o processo de alfabetização pela escrita, e nesse contexto, os espaços para os trabalhos ligados à arte e outras linguagens tornam-se muitas vezes periféricos.

Nesse cenário, torna-se fundamental que se promova nas escolas, de modo geral, mais espaços e momentos de convívio com as artes, com as mídias, com outras linguagens e particularmente, com o cinema. Pois, para além de alfabetizar, a instituição escolar tem também como função social, garantir que esse local seja um

espaço promotor de múltiplas aprendizagens, dentre elas, aprendizagens relacionadas á arte e á cultura.

De acordo com Juarez Dayrell<sup>2</sup>:

Em um contexto social dominado pelas imagens, torna-se necessário uma elaboração reflexiva que nos permita ampliar nossa compreensão dos processos educativos ,e, principalmente, de suas íntimas relações com a arte. O cinema enquanto arte, através da experiência estética, da emoção, do exercício da sensibilidade e da fruição, nos aproxima da realidade educacional com outro olhar. Não podemos nos esquecer que a arte e nela, o cinema, como uma linguagem dos sentidos, transmite-nos significados que não podem ser transmitidos por outro tipo de linguagem, como a discursiva ou a científica (DAYRELL, 2003, s/p).

Ainda sobre esse aspecto, no livro intitulado Cinema e educação, Adriana Fresquet traz a seguinte consideração:

De algum modo a escola não pode garantir um encontro íntimo e pessoal com as artes, mas pode garantir espaços e tempos para propiciá-los (FRESQUET, 2013, p.52).

Portanto, dentro das propostas norteadoras apresentadas no documento “Direitos de aprendizagem na alfabetização”, há espaço para incluir o cinema no currículo escolar desde as séries iniciais. Mas, quando digo, incluir o cinema no currículo, isso não quer dizer necessariamente, instrumentalizá-lo ou didatizá-lo, visando sua adequação aos moldes, tempos e espaços escolares formais. Trata-se de garantir que as crianças tenham acesso dentro do espaço escolar a momentos e espaços adequados para poderem conhecer, apreciar e vivenciar experiências estéticas, éticas e de fruição, relacionadas ao cinema.

Assim, a questão não se limita a colocar o cinema nos horários ou no currículo formal. Trata-se, sobretudo, de acessibilizar, disponibilizar e garantir momentos e espaços na escola, para que os pequenos possam se encontrar e experimentar a multiplicidade de aprendizagens e experiências que o cinema tem a oferecer.

---

2. Trecho extraído do prefácio que o professor Juarez Dayrell escreveu para o livro: “A escola vai ao cinema”, organizado por Inês Teixeira e Miguel Lopes, publicado pela editora Autêntica, em 2003.

Recentemente foi sancionada no Brasil, pela presidenta Dilma Rousseff, a lei 13.006/14<sup>3</sup>, que torna obrigatória nas escolas de ensino básico por, no mínimo, duas horas mensais, a exibição de filmes e audiovisuais de produção nacional. Sem dúvida, essa é uma lei interessante e muito bem-vinda, considerando-se o cenário atual de escassez de trabalhos relacionados ao cinema dentro das escolas brasileiras. Mas, é preciso dizer que, somente a obrigatoriedade de uma lei não garantirá a qualidade desses trabalhos com o cinema nas escolas. De acordo com Rosália Duarte:

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais (DUARTE, 2002, p. 17).

No entanto, para que esse processo de introdução do cinema no contexto escolar seja proveitoso e significativo para as crianças e também para os educadores, faz-se necessário o trabalho com os filmes em uma perspectiva diferenciada. Os filmes não devem ser encarados meramente como mais um material pedagógico ou recurso didático mas, vistos e usufruídos como obras de arte e de cultura.

Acredito que se utilizado dessa maneira, o cinema nas escolas tem grande potencial, para se constituir em um diferencial no processo de ampliação do repertório cultural e promoção das aprendizagens. Pois, o encontro com a multiplicidade de experiências estéticas e artísticas, possíveis de serem adquiridas por meio de um contato mais próximo com o cinema, favorece o processo de formação do gosto estético e o aguçamento da sensibilidade para a arte.

---

3. Lei do cinema - disponível na íntegra no site: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/125304834/lei-13006-14>

### **3. CINEMA NO RECREIO: POR QUE E PARA QUE?**

Como encontrar um lugar para o cinema na escola?

Por que escolhi levar o cinema para a escola no momento do recreio?

Foram as questões acima que me motivaram a desenhar e aplicar o projeto de Cineclube da maneira que se segue:

No projeto de Cineclube desenvolvido ao longo de cinco meses na escola Edith Pimenta da Veiga, me propus a elaborar estratégias que permitissem aproximar o cinema do convívio das crianças dessa instituição de ensino.

Na verdade implantar esse projeto na escola não foi tão simples quanto imaginei que seria. Logo no início, surgiram alguns empecilhos referentes aos horários de aula, ao cumprimento da carga horária obrigatória das disciplinas e falta de momentos disponíveis dentro do horário oficial escolar para a exibição dos filmes, o que se constituiu em um dificultador para colocar o projeto em prática.

Em um primeiro momento, até pensei em fazer um projeto de “aulas de cinema na biblioteca”. Dessa maneira, cada turma desceria para a biblioteca junto com o seu professor(a), em horário agendado. Seriam esses horários os mesmos nos quais as crianças já têm o hábito de vir todas as semanas, para fazerem o empréstimo dos livros literários que levam para casa. Seguindo-se essa rotina, as crianças poderiam assistir aos filmes, juntamente com seus professores e participar das atividades relacionadas aos mesmos.

À primeira vista, esse tipo de proposta não deixaria de ser uma opção interessante e viável para aproximar o cinema da escola e das crianças, no entanto preferi abrir mão dessa opção e elaborar outra estratégia, visto que utilizar o “horário de biblioteca” estaria sacrificando um momento que também é importante para o processo de aprendizagem das crianças.

O contato com os livros, a autonomia para escolher o título que eles querem levar para casa e a leitura livre na biblioteca é um momento de liberdade que não pode ser retirado dos meninos e meninas. Utilizar esse horário para exibir os filmes, seria

impedir que as crianças pudessem levar os livros para casa.

De certa maneira, essa dificuldade em encontrar um espaço propício para implantar o projeto de Cineclube na escola, acabou me ajudando a levar um cinema mais em consonância com as experiências dos autores dos quais lancei mão para fundamentar minha proposta de trabalho. Adriana Fresquet me inspirou com a seguinte questão:

A importância mais radical da introdução do cinema no contexto escolar consiste em salvaguardar um espaço e um tempo para o encontro do cinema com a infância, da criança com o adulto e do adulto com a criança que, escondida ainda o habita (FRESQUET, 2013, p.52).

E Cezar Migliorin com essa consideração sobre o cinema na escola:

Quando chegamos na escola com o cinema, não é para formar cineastas, não é para transformá-los em consumidores de cinema não é para livrá-los das drogas, não é para apresentar um conteúdo funcionalizável (MIGLIORIN, 2014, p.179).

Sendo assim, não se pode exigir nada, nenhuma resposta das crianças ao oferecer a elas essa experimentação do cinema. O que se pode é simplesmente oferecer a elas o contato com essa arte, e deixar que elas tenham suas próprias “experiências sensíveis” (p.184), afinal de contas, as crianças têm esse direito.

Mediante às dificuldades enfrentadas durante o processo de escolha do “melhor momento” para o cinema na escola e amparada pelas experiências dos autores que li, optei por levar o cinema para a escola na “hora do recreio”. Escolhi o recreio porque esse momento me permitiria, apresentar os filmes em uma perspectiva diferente da qual às crianças e educadores já estão habituados, fugindo um pouco dos horários rígidos, da rotina diária.

A estratégia de exibir os filmes na “hora do recreio” possibilitaria maior liberdade para as crianças e professores acompanharem as sessões.

No ambiente escolar, se o filme não é um fim em si, se o filme é um meio para um processo de formação e liberdade, um princípio de igualdade que deixa o estudante em paz, permite que os processos subjetivos, individuais e coletivos ajam, forjando nos filmes e exercícios a materialidade da invenção de si e da comunidade (MIGLIORIN, 2014, p.185).

Sendo assim, preferi fugir dos horários habituais de aula, porque não queria propor o cinema apenas como mais uma atividade na carga horária, como mais uma obrigação a ser cumprida no currículo por crianças e educadores. Preferi propor o cinema como “convite”, como uma possibilidade a ser experimentada e desfrutada. Nessa medida, ao optar pelo recreio, o fiz na intenção de democratizar o acesso, de dar vez e voz às crianças, que teriam o direito de dizer sim ou não aos filmes que lhes foram oferecidos.

Considerando que esse mesmo momento é também o “horário livre” das crianças, no qual elas podem escolher fazer várias outras atividades, como brincar, ler, conversar, correr ou simplesmente descansar, disponibilizei o Cinema no Recreio como uma possibilidade que poderia ser acolhida ou rejeitada. Portanto, as crianças e professores que escolhessem vir à biblioteca para assistir os filmes, o estariam fazendo por interesse, vontade própria e não por imposição.

Assim, a proposta de levar o cinema para a escola, e mais precisamente para o recreio, para o dia-a-dia das crianças, se constituiu na expectativa de promover na escola a construção de um ambiente diferenciado no qual, os estudantes e educadores pudessem experimentar um espaço e um tempo diferentes do qual estão habituados no cotidiano escolar. De acordo com Adriana Fresquet:

Fazer cinema na escola, preferencialmente fora da grade curricular, com alunos e professores que se reúnem, simplesmente porque assim o desejam, é uma forma de estar escondido para aprender (FRESQUET, 2013, p. 98)

Nessa perspectiva, o Cinema no Recreio se constituiu como uma tentativa, de pelo menos por alguns momentos, sair da rotina, da programação geralmente rígida, que permeia o espaço escolar. E a escolha desse momento para a exibição dos filmes, em certa medida, conseguiu romper um pouco com as barreiras do didatismo e das metodologias repetitivas que permeiam a escola.

Acredito que independentemente da motivação, seja por curiosidade, por encontrar um espaço aberto para acolhê-las durante o recreio ou mesmo por interesse em assistir os filmes, promover esse espaço de encontro com o cinema na biblioteca durante o recreio, poderia se constituir em um campo fértil para cativar as crianças e

educadores e motivá-los a experimentar um contato mais próximo e conhecer de perto as possibilidades que o cinema tem a oferecer.

No entanto, acredito ser necessária a seguinte reflexão:

Provocar a aproximação do cinema com o cotidiano da escola e das crianças não é algo que acontece da noite para o dia, a formação do gosto é um movimento processual, que exige planejamento e muito trabalho. Não basta somente oferecer os filmes. É preciso cativar, seduzir o olhar das crianças para os filmes, provocar um encantamento por esse universo, incitar no espectador o desejo de conhecer mais de perto essa arte e de querer estabelecer vínculos duradouros.

De acordo com Paraíso:

Um currículo pode ser um lugar privilegiado de contágio do desejo. Muitos/as de nós, quando pensamos em nossa vida na escola, lembramos de um professor ou de uma professora, de uma aula, de uma matéria ou de um livro que marcou um antes ou um depois em nossas vidas. Podemos contar histórias de uma transformação em nosso viver que se deu por meio de contágios e conexões produzidas no território do currículo ou no convívio com um/a professor/a. Aqueles momentos em que sentimos, de repente, ao lado de um professor ou de uma professora, que podemos, que podemos muito, que podemos mais, que o mundo a ocupar é nosso (PARAÍSO, 2010, p.161).

Considerando esse aspecto, acredito que o Cinema no Recreio possibilitou desenhar na biblioteca escolar um espaço com certo potencial para incitar esse desejo, para cativar, gerar encantamento, e dessa maneira, promover o estreitamento dos laços entre o cinema, a escola e as crianças, em uma perspectiva emancipadora, democrática e promotora de autonomia.

Nessa dinâmica, a escola e as crianças tiveram uma oportunidade para experimentarem no encontro com cinema e suas potencialidades, um espaço convidativo e agradável, preparado com carinho para recebê-los. “O verdadeiro encontro com a arte é aquele que deixa marcas duradouras.” (BERGALA, 2008, p.100). Sendo assim, a partir dessa experimentação, do cinema enquanto arte, suspeito que as crianças puderam vivenciar um momento que tem potencial para ficar guardado por muito tempo em suas memórias e corações e quiçá, motivá-las para que busquem outras experiências relacionadas ao cinema.

Então, acredito que para o cinema encontrar o seu lugar na escola e na vida dos meninos e meninas é necessário em primeiro lugar cativar. Por isso é de grande importância apresentar o cinema logo na infância, sendo que uma boa seleção dos filmes é fundamental. E nessa intenção, é que foi disponibilizada para exibição durante o projeto uma gama de produções fílmicas de gêneros variados, cuidadosamente selecionados.

Ser privado de assistir filmes de qualidade durante a infância significa perder uma possibilidade que não terá como acontecer com a mesma intensidade mais tarde. É como se as impressões produzidas nos primeiros anos pelo cinema deixassem uma marca inesquecível na memória afetiva pessoal (FRESQUET, 2013, p.43).

Em sintonia com o que é dito por Fresquet, o Cinema no Recreio teve como perspectiva garantir esse contato das crianças e educadores com os “bons” filmes. Portanto, a seleção foi criteriosa e priorizou disponibilizar durante as sessões esses “filmes de qualidade”. Essas escolhas permitiram que as crianças e seus professores tivessem dentro do espaço escolar, acesso a um momento precioso para apreciação dos “bons” filmes. Mas, o que seria na verdade esses “bons” filmes?

Sobre essa questão, Fresquet traz em seu livro intitulado Educação e cinema, algumas considerações tecidas por Alain de Bergala em 2012, que nos esclarece sobre o assunto:

Um bom filme é aquele em que o espectador é livre, relativamente livre. Há a história que ele nos conta, e ao mesmo tempo, pode-se olhar para outras coisas, refletir. É um filme que deixa o espectador um pouco livre para percorrer o filme do jeito dele e olhar não apenas o que o cineasta lhe diz para olhar. Então um bom filme é um filme que não faz uma pressão muito forte sobre o espectador, que não tenta obrigá-lo a sentir, no mesmo momento, as mesmas coisas (Apud. Fresquet, 2013, p.46).

A partir do que é exposto por Bergala, acredito que o Cinema no Recreio pôde promover esse contato dos meninos e meninas com os “bons” filmes. E permitiu que os “pequenos” pudessem experimentar novas possibilidades no seu processo de aprender com e sobre cinema, ao entrarem em contato com múltiplas dimensões e linguagens que essa arte abarca.

Nesse movimento, a utilização do cinema na escola pôde propiciar a construção de novos olhares sobre a escola e sobre o mundo, olhares atentos que a cada dia

podem ser lapidados para vislumbrar caminhos de possibilidades.

Nessa medida, acredito que atividades associadas ao “ver ou fazer cinema”, quando acontecem dentro do espaço escolar, contribuem para o desenvolvimento do processo de construção dos saberes, e esse tende a se tornar mais aberto, democrático, interessante e criativo. E nessa dinâmica, as experiências podem ser compartilhadas, as realidades questionadas - pois, a imagem fala, denuncia, causa emoções, sensibiliza, traz à tona o que passava despercebido por muitos, suscita temas e questões polêmicas, revela angústias e alegrias, solidões e festejos, tragédias e poesias.

De acordo com o educador e filósofo Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1985, p.09).

E tantas, são as leituras de mundo possíveis de serem feitas a partir da apreciação do cinema!

Portanto, o cerne da questão no Cineclube Cinema no Recreio, pautou-se na perspectiva de “educar o olhar” das crianças e também dos educadores, para enxergar além do que estava em evidência diante dos olhos. Esse movimento se conduziu, sobretudo, na intenção de garantir momentos, espaços e oportunidades que pudessem promover a construção de olhares para além das superficialidades, olhares dotados de sensibilidade, capazes de captar as entrelinhas; olhares lapidados para enxergar o mundo por diferentes ângulos e sob múltiplas perspectivas.

Segundo Migliorin:

Quando o cinema vai para a escola, é a partir dele mesmo que podemos ensaiar um papel político que ele pode ter nesse novo espaço. Em outras palavras, é uma prática político-cinematográfica que nos fornece os instrumentos para a sua dimensão política na educação; uma prática pautada pelo princípio da igualdade das competências e inteligências (MIGLIORIN, 2014, p.178).

No momento em que se proporciona às crianças e educadores um contato mais

próximo com a linguagem cinematográfica e as narrativas variadas presentes nos filmes, promove-se o desenvolvimento da criatividade, o aprimoramento do senso crítico e estético e a ampliação da leitura de mundo. E na medida em que, essa prática se tornar parte integrante do processo educativo é possível que, se estabeleçam na escola novos espaços de aprendizagem no qual os diálogos possam se aprofundar, a partir abordagem das questões retratadas nos filmes.

De acordo com Juarez Dayrell:<sup>4</sup>

É urgente a necessidade de educadores considerarem as possibilidades educativas das diversas linguagens artísticas. Mas não se trata de “instrumentalizá-las” ou pior “didatizá-lás.[...] assim, o desafio dos educadores está em se aproximarem das diversas linguagens artísticas como forma de potencializar, de ampliar e lapidar as sensibilidades, as identidades individuais e coletivas, as dimensões que nos constituem como humanos (DAYRELL, 2003, s/ p).

Então, o projeto Cinema no Recreio, de certa forma, pôde permitir às crianças e educadores se sentirem mais livres, mais à vontade para embarcarem no “mundo do cinema” e entrarem em contato com as histórias e realidades vivenciadas pelos personagens dos filmes. Esse movimento propiciou aos participantes, estabelecer outros modos de ver, ser, viver e se relacionar com o espaço escolar, com os filmes, com seus pares, e consigo próprios.

---

4. A citação foi extraída do prefácio que Juarez Dayrell escreveu para o livro: A escola vai ao cinema. Livro este organizado por Inês Teixeira e Miguel Lopes, publicado em 2003, pela editora Autêntica.

#### 4. ENFIM: “A INFÂNCIA VAI AO CINEMA”<sup>5</sup>



FIGURA 1: Fotografia de crianças na biblioteca assistindo o filme de animação “La luna”  
Fonte: Rosely, novembro, 2014

O projeto de Cineclube - Cinema no Recreio - foi desenvolvido no segundo semestre do ano de 2014, e transcorreu do mês de agosto ao mês dezembro. O projeto teve seu início no dia 05 de setembro.

Utilizou-se um computador e um data-show para a exibição dos filmes que foram, projetados diretamente em uma parede de cor clara, na biblioteca. A exibição dos filmes e os diálogos também aconteceram no espaço da biblioteca da escola.

O projeto foi executado semanalmente, sendo realizado todas às sextas-feiras. As exibições foram programadas para acontecer em duas sessões, divididas entre os dois recreios.

Outros materiais e equipamentos utilizados para a montagem das sessões foram: caixas de som, gravador de áudio, câmera fotográfica, pendrive, dvds dos filmes, cartolinas, folhas de ofício brancas, lápis de cor, canetas, lápis de desenho e canetinhas.

---

5. Esse título foi inspirado no livro: A infância vai ao cinema. Este livro teve como organizadores: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, J; LOPES, J. e foi publicado pela Editora Autêntica no ano de 2014.

Foram convidados para participarem do Cineclube Cinema no Recreio, todas as crianças e educadores do 1º turno. O convite foi feito durante o horário de biblioteca, momento em que as crianças e seus professores desciam para fazer o empréstimos de livros. O convite foi reforçado através do mural, que fica do lado de fora da biblioteca, no corredor. Enfeitei esse mural colando cartazes com as imagens e sinopses de todos os filmes que seriam exibidos durante o projeto. Durante a semana, afixei em todos os setores da escola, cartazes anunciando o título do próximo filme. Esses cartazes continham a sinopse, a data e o horário das sessões.



FIGURA 2: Fotografia do painel confeccionado para divulgar o projeto “Cinema no Recreio”

Fonte: Rosely, agosto, 2014

Caso o número de crianças e professores e funcionários, interessados em participar do projeto superasse o número de vagas disponíveis no espaço da biblioteca, existia a possibilidade de utilizar um local maior para a exibição dos filmes.

Enquanto os filmes estavam sendo projetados, a porta da biblioteca ficou aberta o tempo todo, permitindo que as crianças entrassem ou saíssem da sala de exibição. Ao final de cada sessão, os participantes do Cineclube eram convidados a registrar

em folhas brancas e murais as impressões que tiveram ao assistir os filmes.

Após e durante as exibições, foi feita a coleta das impressões que os participantes tiveram sobre os filmes. Os instrumentos utilizados foram observações diretas, fotografias, entrevistas em grupo, entrevistas individuais e registros documentais (desenhos e comentários escritos que as crianças fizeram sobre os filmes).

Considerando o curto tempo disponível para as exibições, os filmes selecionados foram curtas-metragens. Na seleção dos filmes existiu um cuidado, visando selecionar obras que apresentasse linguagens estéticas variadas.

No intuito de criar uma identificação e de aproximar as crianças do cinema, a seleção dos filmes exibidos no Cineclube foi feita de maneira criteriosa, abrangendo comédias, dramas, filmes de ação e aventuras, que tinham crianças em contextos variados como personagens das produções.

Os mais belos filmes para mostrar às crianças, não são aqueles em que os cineastas tentam protegê-las do mundo, mas, frequentemente, aqueles em que outra criança tem o papel de mediador ou de intermediário nessa exposição ao mundo, ao mal que dele faz parte, ao incompreensível (BERGALA, 2008, p.98).

Mediante essa fala de Bergala penso que, quando se apresenta para as crianças filmes que também tem crianças como personagens, vivenciando situações e dilemas semelhantes aos seus, fica mais fácil de estabelecer uma “conexão”, uma identificação dos meninos e meninas com os filmes.

No entanto, esses filmes devem conter aquilo que Bergala define como “bons” filmes, ou seja, filmes que não apresentam às crianças apenas o “mais do mesmo”, mas que proporcionem descobertas e experiências novas relacionadas ao cinema. Experiências que podem causar certo desconforto ou desagrado em alguns momentos, mas com potencial para aguçar a criatividade, a inventividade, o senso estético e o senso crítico. Sobre esse aspecto, Fresquet traz a seguinte questão:

A proposta de iniciar as crianças em um tipo de cinema não comercial não tem qualquer relação com arrastá-las de um lugar comum para outro lugar. Uma proposta de formação do gosto parte exclusivamente do encontro com a alteridade fundamental da obra de arte, com o desconforto que ela

provoca (FRESQUET, 2013, p.49).

É natural que exposição das crianças a esse “diferente” tipo de cinema, pode inicialmente produzir algumas reações de desconforto ou desagrado. No entanto, acredito que é justamente essa novidade, esse inusitado, esse universo ainda não experimentado pelas crianças, presente nesses filmes, que podem diferença no processo de formação do gosto; então é preciso aproximar as crianças também desses filmes “incômodos”.

## 5. O ENCONTRO DAS CRIANÇAS COM OS FILMES: GRATAS SURPRESAS À CAMINHO



FIGURA 3: Fotografia de crianças assistindo o filme: “Vida Maria”  
Fonte: Rosely, novembro, 2014

**FILME:** Laços de Liberdade. Direção: Charles Chaplin. Estados Unidos, 1918.

Esse curta-metragem tem a duração de 10 minutos e foi o primeiro filme exibido no projeto, no dia 05/09/14. A opção por iniciar com esse título se deu em virtude de ser um filme antigo produzido por Charles Chaplin, um dos ícones do cinema mundial. O fato de o filme ser mudo e em preto e branco foi uma oportunidade de levar até as crianças uma forma de cinema que muitas delas ainda desconheciam. Na primeira sessão compareceram para assistir o filme 40 crianças do 1º e 2º anos do 1º ciclo, na faixa etária entre 6 a 8 anos. Na segunda sessão compareceram 25 crianças do 3º e 4º anos, na faixa etária entre 9 e 11 anos.

As reações das crianças enquanto assistiam ao filme foram diversas. Algumas acharam engraçado, riram bastante. Mas houve também, certo estranhamento ao filme por parte de algumas delas. Produziram as seguintes indagações: “Por que não tem falas?”; “Esse filme é diferente!”; “Parece antigo!”

No entanto, algumas crianças saíram da biblioteca antes de terminar a sessão. Um

garoto comentou que já havia assistido os filmes do Chaplin na casa do tio, mas ficou para assistir novamente. Mesmo assim, exibiu o filme duas vezes, a pedido das crianças.

No primeiro dia de exibição uma professora “I.F.S”<sup>6</sup> estava passando pelo corredor e leu o painel sobre o projeto Cineclube Cinema no Recreio, viu a movimentação dos meninos e meninas na porta da biblioteca e perguntou se a sessão já iria começar e se poderia assistir o filme. Falei que sim, que os filmes eram para os professores também.

A professora entrou e assistiu ao filme junto com as crianças, ao final da sessão, me parabenizou pela iniciativa e pela forma diferente na realização, fez o seguinte comentário: “Achei muito legal a iniciativa! Por ser no recreio, as crianças podem escolher se querem vir para assistir ou não. É legal isso de deixar a porta aberta. Se acham o filme bacana podem buscar outros coleguinhas no recreio para virem assistir também. Achei fantástica essa ideia de ser no recreio” (Professora “I.F.S”).

Após cada sessão desse dia, perguntei se os meninos e meninas queriam fazer algum registro, desenho ou comentário sobre o filme que assistiram. Algumas crianças fizeram desenhos e os depositaram na “caixa de recados”, feita exclusivamente para recolher esses registros.



FIGURA 4: Cena do filme: “Laços de liberdade”

Fonte: [www.covildossonhos.blogspot.com.br](http://www.covildossonhos.blogspot.com.br)

---

6. Optei por usar siglas para preservar a identidade dos professores e estudantes participantes do projeto.



FIGURA 5: Desenho representando cena do filme: “Laços de liberdade”

Fonte: Giovana - estudante do 1º ano do 1º ciclo

Após as exibições do primeiro dia, uma coordenadora da escola veio sugerir que fizéssemos o projeto em outro momento, na hora dos empréstimos dos livros, por exemplo. Ficou receosa de que o número de crianças para assistir os filmes fosse muito grande e causasse “tumulto” na biblioteca.

Em certa medida, achei até natural essa preocupação da coordenadora, visto que a escola é uma instituição ainda permeada por práticas tradicionais, e uma mudança de rotina, uma novidade no espaço escolar pode causar nesse ambiente certo desconforto, ao provocar o que Migliorin define como “mafuá”:

Um mafuá: Uma bagunça de ordens momentâneas. O mafuá é uma bagunça que não para de encontrar ordens passageiras, acoplamentos momentâneos e instáveis. [...] o mafuá é a própria operação do pensamento; não um lugar, mas o que se constitui nas aparições quando algo é pensado.[...] mas ele é a forma e o desforme, a ordem e o caos (MIGLIORIN, 2014, p.182).

Ainda de acordo com Migliorin:

[...] nas artes, no cinema, o conhecimento em sala de aula depende de um mafuá que coloca em relação saberes, palavras e tecnologias frequentemente em bagunça, desordem, mas tal desordem é apenas um estado necessário para a não hierarquização dos objetos linhas e saberes (2014, p.183).

Ao refletir sobre esses aspectos do “mafuá”, fiz opção por rejeitar a sugestão da

coordenadora, de realizar o projeto em outro momento. Afinal de contas, meu foco no recreio era justamente, permitir que as crianças pudessem ter autonomia para decidirem se queriam ou não vir assistir os filmes; era “deixá-las em paz” para aproveitarem esse momento, sem cobranças, sem imposições ou obrigações a cumprir.

A fala “faça o projeto em outro lugar” ou “faça em outro momento” tem muito a nos dizer sobre a dinâmica da escola, que carrega uma cultura impregnada de resistências ao novo, ao movimento que desconstrói para dar novos significados. A cultura escolar é ainda permeada, por resistências á possíveis movimentos que transgridam os espaços e tempos pré-estabelecidos.

Na escola já está tudo pronto, determinado. E foi em meio a esse tradicionalismo da escola que se instalou “o cinema pensado como alteridade, que interroga o já visto, remove o instituído, desloca os olhares, inventa ideias, possibilidades.” (RAMOS & TEIXEIRA, 2010, p 08). Acredito que na escola, já se faz tempo de desconstruir e desaprender, para reconstruir e aprender com outros significados, olhares e possibilidades.

A meu ver, retirar as exibições do momento do recreio, seria impedir o poder de escolha das crianças. E nesse aspecto, o “mafuá” se configurou como um processo libertador. Pois, permitiu que se instaurasse na escola um movimento de ressignificação desse tempo “recreio” e desse espaço “biblioteca”. Assim, acabou por alterar o que estava pré-estabelecido, ao propor a novidade e o ineditismo no uso desse tempo e desse espaço, funcionou como um contra-ponto entre as práticas instituídas<sup>7</sup> e as práticas instituintes<sup>8</sup>.

Nesse caso, o “mafuá”, que causa essa aparente desordem, tendeu a contribuir para a autonomia e emancipação dessas crianças em seus processos de aprendizagem. Por isso, escolhi o recreio, visando garantir um espaço livre para a fruição, para o processo criativo e a inventividade. O espaço físico da biblioteca apesar de ser pequeno, comporta pelo menos umas 100 crianças, e como os recreios são divididos, achei que não haveria problema de continuar fazendo as exibições nesse

---

7. Diz respeito ao que a instituição escolar tem como princípios a serem seguidos no seu espaço: as normas, regras, os horários, cultura-escolar pré-estabelecida.

8. Toda ação que modifica o que está pré-estabelecido.

horário.

No entanto, sugeri que se o número de espectadores aumentasse muito, poderíamos passar a fazer as exhibições no auditório da escola, no qual cabem mais ou menos umas 200 crianças. Contudo, tirar as exhibições do recreio, nunca esteve nos meus planos, pelo menos, nessa fase inicial de implantação do projeto de Cineclube na escola.

**FILME:** O Farol (The Lighthouse). Direção: Po Chou Chi. Estados Unidos, 2010.

O curta-metragem de animação “O Farol” tem a duração de aproximadamente 7 minutos. As sessões aconteceram no dia 12/09/2014, sendo o segundo filme que exibimos no Cinema no Recreio. Na primeira sessão vieram assistir o filme 50 crianças e na segunda sessão 30 crianças. Houve um pequeno aumento no número de crianças que compareceram para assistir o filme em relação ao primeiro dia de exibição. A professora “I.F.S” voltou nesse dia para acompanhar a sessão com os meninos.

As crianças se emocionaram com a animação. Alguns chegaram a chorar. “C.L.S”, um garoto do 3º ano, que “dá muito problema na escola”, segundo fala dos professores e coordenação, veio assistir, acompanhar a sessão. Ele assistiu quietinho, o tempo todo, não deu qualquer problema, essa criança foi uma das que se emocionou e chorou durante algumas cenas da animação. Repeti o filme, a pedido das crianças.

Ao final da segunda exibição, a professora “I.F.S” veio até a mim e disse: “Esse filme me fez recordar de uma situação atual, que estou vivendo com relação à mãe”. Ela se emocionou ao comentar comigo essa situação. Penso que essa fala da professora, e as reações emocionadas que as crianças tiveram enquanto assistiam o filme, demonstram a força que o cinema tem de extenuar e potencializar as formas que cada um de nós tem de ver e sentir o mundo.

Observando e participando dessas experiências que o cinema proporciona me vem

á mente o seguinte verso de um poema: “Que a importância de uma coisa seja medida pelo encantamento que a coisa produz em nós” (BARROS, 2008, p.95). E infindáveis são os encantamentos possíveis de serem encontrados e experimentados na arte do cinema!

Nas duas sessões, após o final do filme as crianças pediram folhas para fazer desenhos sobre o mesmo. Algumas quiseram levar os desenhos para casa para mostrar aos pais, e outras deixaram na caixa de recados.



FIGURA 6: Cena do filme: “O farol”

Fonte: Fonte: [www.bloginforma.com.br/lighthouse](http://www.bloginforma.com.br/lighthouse)

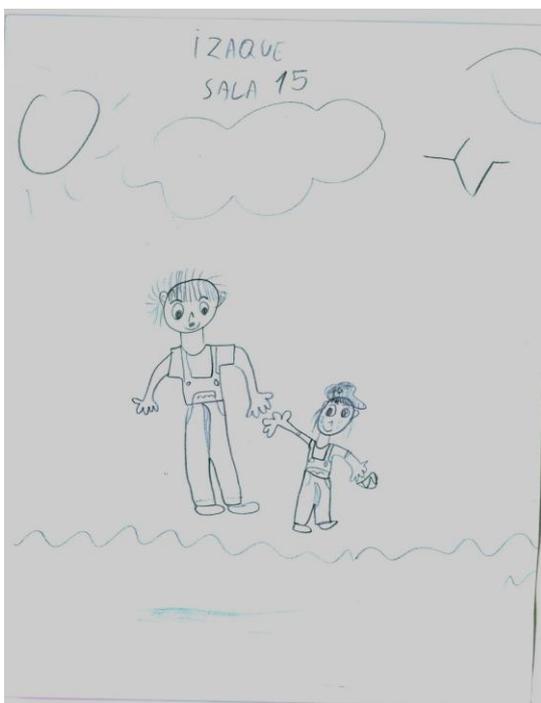


FIGURA 7: Desenho de uma criança representando o filme: “O farol”

Fonte: Izaque – estudante do 1º ano do 2º ciclo



FIGURA 8: Cena do filme: “O farol”

Fonte: [www.bloginforma.com.br/lighthouse](http://www.bloginforma.com.br/lighthouse)

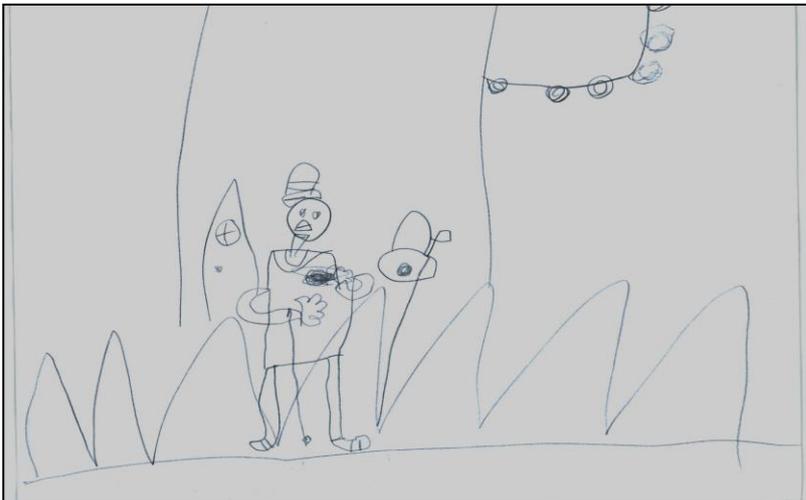


FIGURA 9: Desenho de uma criança representando cena do filme: “O farol”.

Fonte: Emanuely - estudante do 1º ano do 1º ciclo

**FILME:** A Maior flor do mundo. Direção: Juan Pablo Etcheverry. Espanha, 2007.

Esse filme é um curta de animação que utiliza a técnica stop-motion. Foi inspirado no livro infantil de mesmo nome, escrito pelo português José Saramago; e faz uma reflexão sobre como as histórias para crianças devem ser contadas. A voz do próprio Saramago é utilizada logo no início do filme, que começa narrado. O curta tem a duração de aproximadamente 9 minutos. Esse foi o terceiro filme do projeto e a exibição aconteceu no dia 19/09/14. Na primeira sessão vieram para assistir o filme 45 crianças, e na segunda sessão compareceram 35 crianças.

Durante a exibição algumas crianças se incomodaram com a parte que tem uma narração, logo no início da animação. Essa parte é narrada pelo escritor Saramago em português de Portugal. Os meninos e meninas tiveram certo estranhamento com relação ao sotaque e a forma mais rápida de dizer as palavras.

Algumas crianças identificaram o idioma e diziam: “Essa fala é de Portugal!”, outras diziam: “Não consigo entender nada, está muito rápido”. Assim que terminou a parte que tem narração, conseguiram se concentrar e a maioria das crianças acompanhou o filme até o final. Porém, algumas foram embora ainda no começo do filme, e diziam: “Não estamos entendendo essa língua”.

As manifestações que as crianças fizeram sobre o filme me levaram a pensar que a escola possibilita ainda poucos momentos de contato com diferentes culturas, idiomas e linguagens. Daí o desconforto e impaciência frente a essa “língua estranha”, á qual se referiram. Pois, esse é um universo ao qual eles ainda não tiveram oportunidade de conhecer mais de perto. Ao final das sessões muitas crianças perguntaram se poderiam desenhar sobre o filme e pediram para deixar o filme passando enquanto faziam os desenhos.



FIGURA 10: Cena do filme: “A maior flor do mundo”

Fonte: [www.sustentabilidadenaopalavraeacao.blogspot.com.br](http://www.sustentabilidadenaopalavraeacao.blogspot.com.br)



FIGURA 11: Desenho de uma criança representando o filme: “A maior flor do mundo”.

Fonte: Mayra - estudante do 2º ano do 1º ciclo

**FILME:** Cordas (Cuerdas). Direção: Pedro Solís. Espanha, 2014.

O curta-metragem de animação “Cuerdas” tem a duração de 10 minutos. Foi o quarto filme que exibimos, as sessões aconteceram no dia 26/09/2014. No primeiro recreio 35 crianças vieram para assistir o filme. No segundo recreio compareceram para a sessão 40 crianças. O número de crianças que vieram para assistir o filme não teve muita variação, apresentou certa estabilidade.

O filme se passa em uma escola e conta a história da amizade entre uma garotinha e um garotinho com paralisia, recém-chegado a essa escola. Apesar de o áudio estar em espanhol, a história é perfeitamente compreensível observando-se apenas as imagens. No entanto, algumas crianças se sentiram incomodadas pelo áudio estar em espanhol e não acompanharam o filme até o final.

Entretanto, a maioria das crianças assistiu o filme completo e se emocionaram com o desfecho. Elas faziam muitos comentários enquanto o filme era exibido. Ficaram sensibilizados com a situação do garotinho e ficavam bravos com as crianças que não o aceitavam. Pediram para fazer desenhos e muitos retrataram em seus

desenhos, a parte em que a menina Maria cresce mas, leva de recordação em seu braço, as cordinhas que usava para inventar as brincadeiras para seu amigo.



FIGURA 12: Cena do filme “Cuerdas”

Fonte: <http://www.espalhafactos.com/wp>

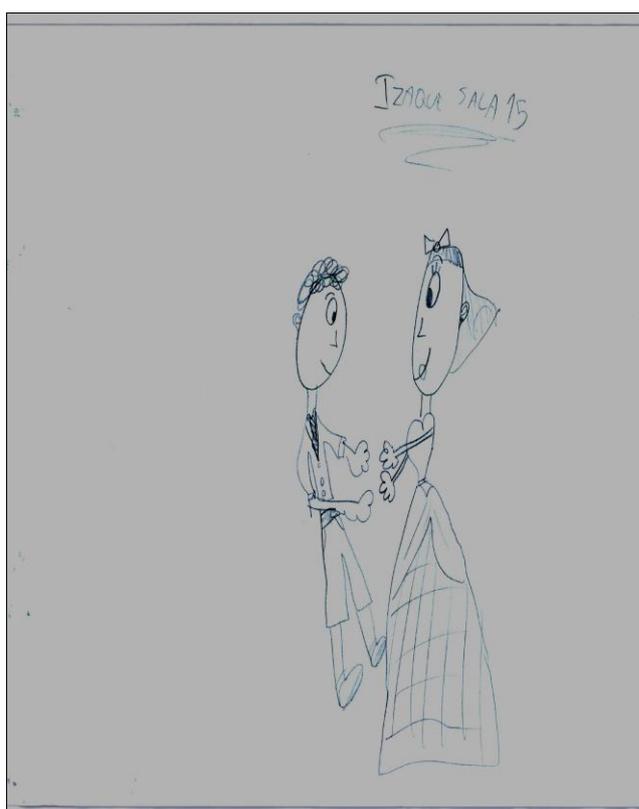


FIGURA 13: Desenho de uma criança representando o filme: “Cuerdas ”

Fonte: Izaque - estudante do 1º ano do 2º ciclo

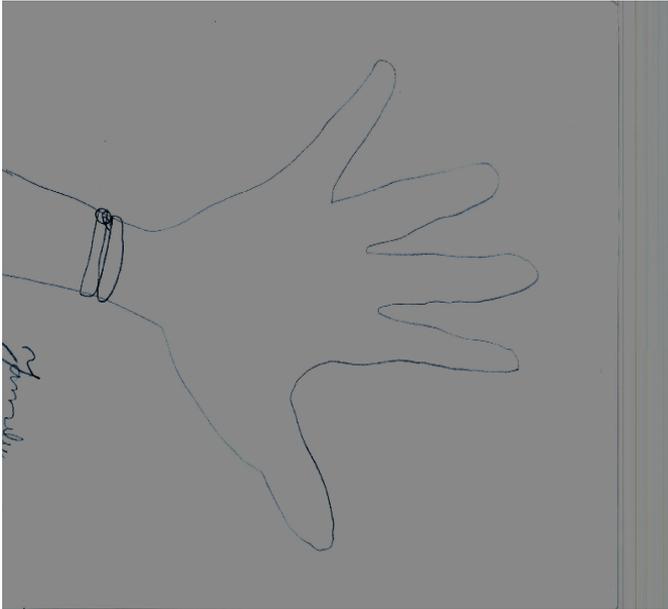


FIGURA 14: Desenho de uma criança representando a cena final do filme: “Cuerdas”

Fonte: Jamille – estudante do 3º ano do 1º ciclo

**FILME:** Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo. Direção: Evandro Salles e Márcia Roth. Brasil, 2007.

O filme é um curta de animação com a duração de 9 minutos, inspirado na poesia do escritor brasileiro Manoel de Barros. Foi o quinto curta apresentado às crianças, a exibição ocorreu no dia 07/11/ 2014.

Na primeira sessão do dia vieram para assistir o filme 40 crianças. Na segunda sessão vieram 15 crianças. Houve uma queda no número de participantes em relação às sessões anteriores. Considero que o que motivou essa queda foi a pausa que tive de fazer no projeto de cinema, devido ao tempo que estive de férias.

Durante a exibição do filme na primeira sessão, uma criança do 1ºano do 1º ciclo me perguntou: “O filme já vai começar?” Mas o detalhe é que, o filme já tinha começado a mais de 3 minutos. Na segunda sessão, outra criança maior, do 1º ano do 2º ciclo fez para mim uma pergunta parecida: “Isso aí já é o filme?”

Ao final da exibição uma garotinha -'MNQ"- do 3º ano perguntou: “Qual o próximo filme que você vai passar ?”

Disse a ela que o próximo filme seria o “Vida Maria”. Ela disse que não conhecia esse filme e fez a seguinte pergunta? “Por que você só passa filmes que a gente não entende?”

Eu respondi: “Passo porque são filmes que vocês ainda não conhecem. Passo para que vocês conheçam e possam aprender a gostar desses filmes também”.

Algumas crianças quiseram fazer desenhos sobre a animação. Nesse dia, apenas duas deixaram os desenhos comigo. A maioria quis levar para casa para mostrar para os pais.

Tomando como ponto de partida os comentários das crianças, acredito que houve bastante estranhamento delas em relação à narrativa poética e a linguagem estética presente na animação *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*.

Entretanto, achei essa reação perfeitamente compreensível. Pois, a linguagem estética e poética apresentada nessa animação é muito diferente da qual eles estão habituados, pois a poesia foge daquela narrativa linear, com começo, meio e fim, presente na maioria das histórias e filmes aos quais as crianças têm acesso no seu dia a dia. E nas escolas, a leitura e o trabalho com textos poéticos ainda é raro. Daí o estranhamento.

Trabalho na biblioteca dessa escola à seis anos, e ao longo desse tempo, venho percebendo que os livros de poesia são os títulos menos manuseados ou levados para casa, tanto pelas crianças quanto pelos professores. Na verdade não sei por qual motivo isso acontece. Certa vez ouvi alguns professores dizendo que: “Achim muito difícil trabalhar com poesias, que os meninos não gostam”. Ao ouvir essas falas fiquei pensando: Será que os meninos realmente não gostam ou não foram motivados a gostar, a experimentar? Eis aí uma boa questão para futuros aprofundamentos.

A partir dessa questão, considero ser ainda mais importante levar para a escola esses filmes com narrativas e linguagens estéticas variadas, e permitir que assim as crianças possam ter acesso a um repertório estético e cultural mais vasto, que as possibilite ampliar os seus olhares e perspectivas sobre o mundo à sua volta.



FIGURA 15: Cena do filme: “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo”

Fonte: [www.contioutra.com/manoel-de-barros/](http://www.contioutra.com/manoel-de-barros/)

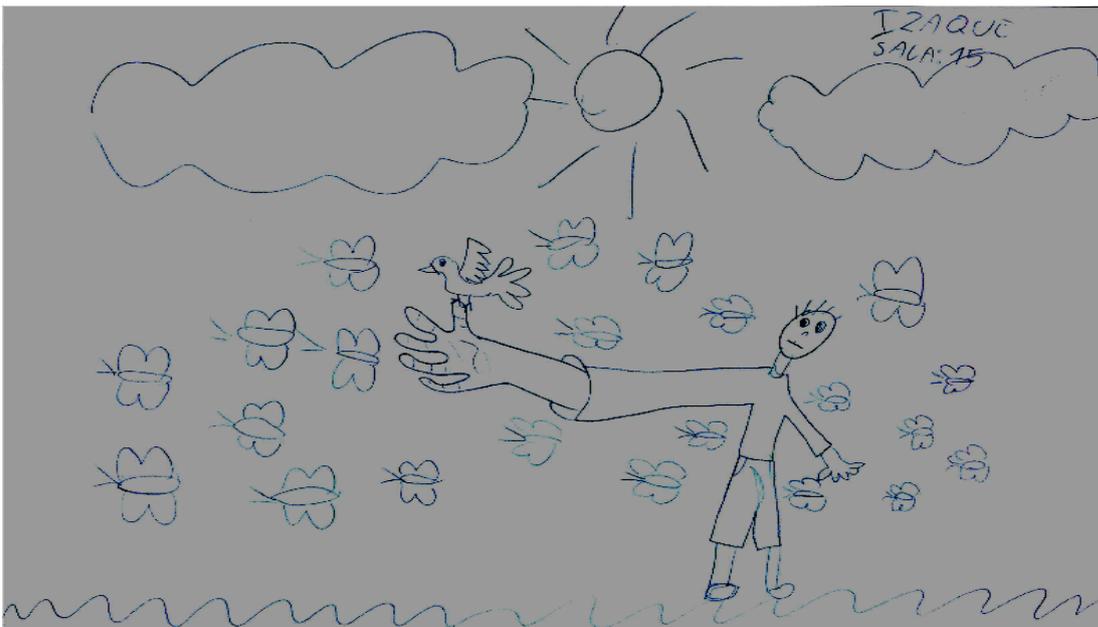


FIGURA 16: Desenho de uma criança representando cena do filme: “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo”.

Fonte: Izaque – estudante do 1º ano do 2º ciclo

**FILME:** Rua das Tulipas. Direção: Alê Camargo. Brasil, 2008.

Esse foi sexto filme do projeto, o exibimos no dia 14/11/2014. É um curta de animação que tem a duração de aproximadamente 11 minutos. Nesse dia, não tive acesso ao data-show, pois, a sala na qual o mesmo fica guardado estava trancada e os responsáveis por abrir a sala não estavam na escola nesse horário.

Devido a esse imprevisto, a exibição do filme foi feita apenas na tela do computador da biblioteca. A ausência do equipamento adequado prejudicou a qualidade da exibição mas, não comprometeu a realização do projeto. Ao chegarem à biblioteca para assistir o filme as crianças perguntaram: “Porque hoje o filme não é na parede grande”?

Na primeira sessão vieram assistir o filme em torno de 25 crianças. Disseram que gostaram do filme. Muitas fizeram desenhos, porém, o tempo foi curto para terminarem os registros. Alguns levaram para terminar na sala de aula ou em casa. Apenas duas crianças vieram entregar os desenhos depois.

Na segunda sessão vieram assistir o filme 20 crianças. A maioria é do grupo que já se habituou a vir assistir os filmes. Nesse dia a professora “IFS” disse que viria assistir, mas não compareceu. Um garoto do 3º ano que veio assistir apenas o filme “*O Farol*” e se emocionou, perguntou se teria filme nesse dia. Eu disse que sim. Ele falou que viria assistir, mas não veio.

Nesse dia, as crianças ficaram mais dispersas durante a exibição. Houve uma ligeira diminuição do número de crianças presentes em comparação com as outras exibições. Acredito que a ausência da “tela grande” foi um fator preponderante, que desmotivou as crianças a acompanharem a sessão. Mas, assim como nas outras vezes, algumas crianças quiseram fazer desenhos. Em todas as exibições, a preferência das crianças é mais por fazer registros através de desenhos.



FIGURA 18 : Cena do filme: “Rua das Tulipas”

Fonte: [www.tutoriais3dmax.com.br/2014/03/rua-das-tulipas.html](http://www.tutoriais3dmax.com.br/2014/03/rua-das-tulipas.html)

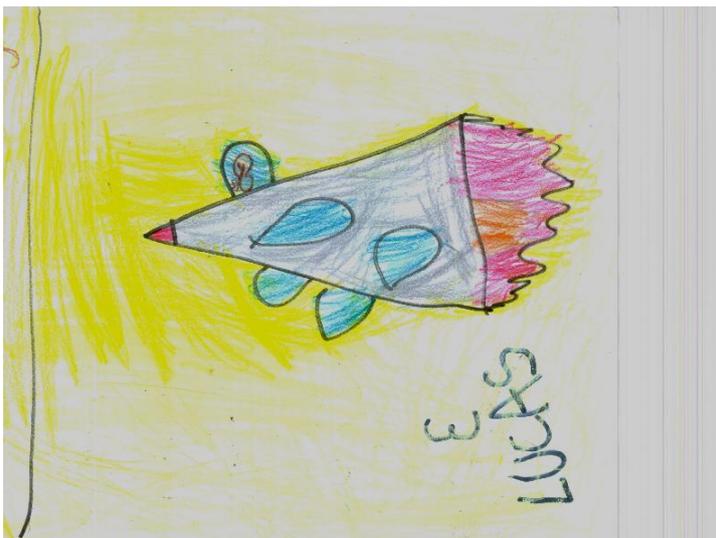


FIGURA 19: Desenho de uma criança representando cena do filme: “Rua das Tulipas”

Fonte: Lucas – estudante do 1º ano do 1º ciclo

**FILME:** Vida Maria. Direção; Márcio Ramos, Brasil, 2006.

Esse curta - metragem de animação tem a duração de 9 minutos. Foi o sétimo filme do projeto. A exibição aconteceu no dia 21/11/2014. Na primeira sessão compareceram 25 crianças, com a idade entre 6 e 8 anos. A professora “IFS” que participou com assiduidade das sessões do Cineclubes compareceu para assistir o filme nesse dia.

Durante o filme as crianças faziam comentários. Falavam sobre a barriga da personagem - “A barriga da moça cresceu!”; Questionavam: “Será que ela vai ter um filho?”; “Ela envelheceu!”. A “barriga grande” da personagem protagonista da animação gerou discussões acirradas entre as crianças: “Será que ela ficou grávida?” Uns diziam que sim, outros que não.

Algumas crianças perguntaram se o filme estava começando outra vez no momento em que a menina Maria, protagonista do filme, agora já adulta repete com a filha, o gesto que a mãe fez com ela na infância. Nessa cena, Maria vai até a janela onde a filha está e manda a mesma parar de escrever e ir trabalhar, ajudá-la nas tarefas domésticas - este ciclo que se repete por todas as gerações de Marias dessa

família.

Ao final da sessão, algumas crianças disseram que não tinham entendido o filme e pediram para a professora “IFS” explicar. Depois que já tinham ouvido a explicação da professora as crianças foram explicando umas para as outras. A maioria delas quis fazer desenhos.

Na segunda sessão compareceram 45 crianças do 3º e 4º anos, com idade ente 8 e 11 anos. As crianças dessa faixa etária compreenderam melhor o desenrolar da animação “Vida Maria”. Comentaram sobre o filme e durante as discussões, a maioria entrou em acordo sobre o que tinha se passado com a personagem Maria.



FIGURA 20: Cena do filme: “Vida Maria

Fonte: <http://www.atibaia.com.br/noticias/noticia.asp?numero=14921>



FIGURA 21: Desenho de uma criança representando cena do filme: “Vida Maria”

Fonte: Izaque - estudante do 1º ano do 2º ciclo

**FILME:** Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Lessmore. Direção: William Joyce e Brandon Oldenburg. Estados Unidos, 2011.

Esse foi o oitavo filme exibido durante o projeto. Ocorreu no dia: 28/11/2014. No dia dessa exibição, aconteceu um evento na escola e por esse motivo os recreios foram juntos. Então foi possível realizar apenas uma sessão. A biblioteca ficou muito cheia, com mais de 130 crianças aproximadamente. O trânsito de crianças foi intenso durante o filme e esse fator comprometeu um pouco a qualidade da sessão.

Dois professores compareceram para assistir o filme nesse dia. Uma foi a professora “IFS”, que já tinha o hábito de vir com regularidade. O outro professor que compareceu foi o “ALX”, recém-chegado à escola. Ao final da sessão a professora “IFS” pediu para exibir o filme em outra oportunidade. Disse que gostou das imagens, mas, não conseguiu prestar muita atenção na história, pois, havia muitas crianças na biblioteca e elas estavam muito agitadas nesse dia, e isso a desconcentrou um pouco.

Não deu tempo de as crianças fazerem os costumeiros desenhos nesse dia, pois o filme tem mais de 15 minutos e ocupou todo o tempo do recreio. Alguns disseram que fariam os desenhos em casa e entregariam para mim depois, mas, nenhuma das crianças me entregou desenhos sobre essa animação. Ao final da sessão uma garotinha me perguntou: “Onde foi que você conseguiu os filmes que passa no recreio?”



FIGURA 22: Crianças na biblioteca assistindo o filme :“Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Lessmore.”

Fonte: Rosely, dezembro, 2014



FIGURA 25: Cena do filme: “Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Lessmore

Fonte: [www.oplanetaquetemos.blogspot.com.br/2012/01/fantastic-flying-books-of-mr-morris.html](http://www.oplanetaquetemos.blogspot.com.br/2012/01/fantastic-flying-books-of-mr-morris.html)

**FILME:** La Luna. Direção: Enrico Casarosa. Estados Unidos, 2011.

O filme escolhido para o encerramento da fase inicial do Cineclube: “Cinema no Recreio”, foi o “La Luna”. Foi o nono filme. A exibição aconteceu no dia 05/12/2014. Esse é um curta-metragem de animação de aproximadamente 9 minutos. Traz uma história bem leve, encantadora e poética.

O protagonista do filme é um garotinho que faz um passeio de barco com o pai e o avô. Chegando a um lugar desconhecido em alto-mar é apresentada a essa criança um lugar inusitado, no qual se é permitido sonhar, e a fantasia se confunde com a realidade. As crianças tiveram uma boa aceitação desse filme, pois traz uma linguagem que fala diretamente com elas e com o seu “mundo imaginário”.

Um garoto do 4º ano, “SMN”, veio assistir esse último filme que eu exibi. Desde o início do projeto, essa foi a primeira vez que ele entrou para assistir um filme. Ao final da aula o garoto voltou à biblioteca. Ele me fez o seguinte pedido: - “Será que você pode passar de novo esse filme em outro dia? Porque eu gostei muito dele!”



FIGURA 26: Crianças na biblioteca assistindo o filme: “La Luna”

Fonte: Rosely, dezembro, 2014



FIGURA 27: Cena do filme: “La luna”

Fonte: [www.blogs.disney.com.br/disney/2014/04/15/curta-favorito-pixar-voce/](http://www.blogs.disney.com.br/disney/2014/04/15/curta-favorito-pixar-voce/)

As crianças em suas experiências com o projeto Cinema no Recreio, puderam desfrutar de um espaço em potencial, que as permitiu se expressarem com liberdade. A meu ver, esse momento se configurou na escola como um espaço de “ver e inventar o mundo” (Migliorin, 2014, p.177). Um espaço de compartilhamento de sensações, impressões e invenções.

Ao assistir os “bons” filmes as crianças puderam experimentar e se apropriar do

universo do cinema, e interagir com as imagens, os sons, a arte, a cultura, a poesia, enfim com diversas linguagens que se entrelaçam no processo de criação dos filmes.

Uma verdadeira cultura artística só se constrói no encontro com a alteridade fundamental da arte. Somente o choque e o enigma que a obra de arte representa, em relação às imagens e sons banalizados, pré-digeridos, do consumo cotidiano, são de fato formadores. O resto não passa de desprezo pela arte e pela criança. A arte é o que resiste e o que é imprevisível, o que desorienta num primeiro momento. A arte tem que permanecer, mesmo na pedagogia, um encontro que desestabiliza o conjunto de hábitos culturais (BERGALA, 2008, p.39).

Enquanto o Cineclube Cinema no Recreio estava sendo realizado, foi possível perceber a “força” que a imagem exerce sobre as crianças. A força da imagem fez com que as crianças retratassem o que assistiram na tela. Durante a exibição dos filmes esse aspecto ficou bem evidente. Os meninos e meninas fizeram muitos desenhos sobre os filmes e retrataram com riquezas de detalhes diversas cenas. É como disse o poeta: “ Eu gosto do absurdo divino das imagens” (BARROS, 2010, p.35). E no caso das crianças que participaram das sessões de cinema, essa frase se encaixa perfeitamente.

Ao observarmos os diálogos, os gestos, os olhares, das crianças durante as exibições e os desenhos que produziram sobre os filmes, fica claro o encantamento que as imagens provocam sobre elas. Em contrapartida, os registros escritos foram poucos.

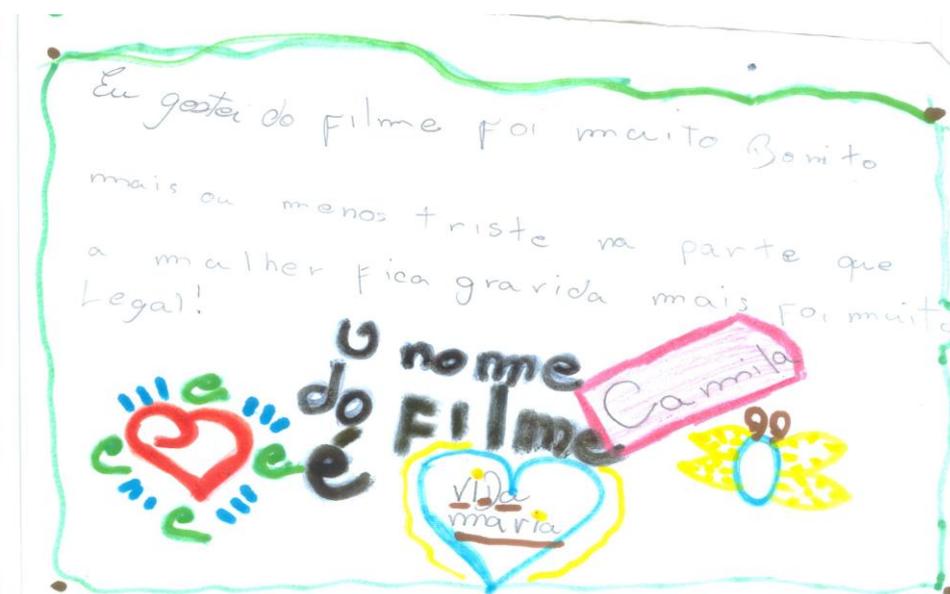


FIGURA 28: Registro escrito que uma criança fez sobre o filme “Vida Maria”

Fonte: Camila – estudante do 1º ano do 2º ciclo

Transcrição do que a estudante escreveu sobre o filme “Vida Maria”:

“Eu gostei do filme. Foi muito bonito. Mais ou menos triste na parte que a mulher fica grávida. Mais foi muito legal!”

Refletindo sobre essa questão penso que, essa preferência por retratarem os filmes através de desenhos e não de palavras escritas tem muito a nos revelar sobre as potencialidades artísticas presentes nas crianças. Essa necessidade de se expressarem sobre o que observaram na tela através de sua própria arte, com os seus próprios traços traz à tona o interesse latente das crianças pela arte, essa arte que desperta e aguça as capacidades criativas e inventivas.

Os comentários espontâneos que fizeram sobre os filmes, as manifestações sinceras, os desenhos em que retrataram as cenas dos filmes com minúcias de detalhes, o sair ou o permanecer na biblioteca para assistirem os filmes, dizem muito sobre a forma como as crianças enxergam e interagem com a escola, com o mundo, com o cinema, com seus pares e consigo próprias.

## 6. OUTROS DESDOBRAMENTOS

Comentei em um momento anterior que durante as exibições dos filmes na biblioteca, a porta ficou aberta o tempo inteiro. A “porta aberta” nesse projeto de cinema para mim foi fundamental e tem um significado especial. Pois a “porta aberta” traz toda uma simbologia. Significa que o espaço está receptivo para acolher quem chegar, está liberado para quem quiser ir embora. Uma porta aberta é uma perspectiva de possibilidades, de encontros, de descobertas. De idas e vindas. O significado dessa “porta aberta” para o cinema na biblioteca, se configurou como um convite ao inesperado, à possíveis surpresas; em alguns momentos foi uma oportunidade para ir embora, caso esse fosse o desejo, mas deixando sempre uma possibilidade de volta, caso se mudasse de ideia.



FIGURA 29: Crianças na porta da biblioteca “espiando” o filme: “La Luna”

Fonte: Rosely, dezembro, 2014

### Relato 1:

No dia 19/09/14, dia em que foi feita a exibição do filme “A maior flor do mundo”, ao final da aula, a professora “CRL” parou para conversar comigo no corredor da escola e disse que, as crianças estavam conversando e comentando muito sobre os filmes que eu passo na hora do recreio. Esse comentário da professora me faz refletir que, de alguma forma as crianças estão se apropriando dos filmes, o projeto de cinema

tem ultrapassado as paredes da biblioteca e o horário do recreio, tem reverberado por outros ambientes.

### **Relato 2:**

No dia 11/12/14, uma quinta-feira, uma garotinha do 1º ano do 2º ciclo veio até a biblioteca e me pediu para passar novamente o filme da Maria. Perguntei:

- “Qual filme da Maria?”

Ela disse:

- “Da Maria que cuida do menininho na cadeira de rodas.”

A menina se referia ao filme “Cuerdas”. Achei curioso, e interessante, ela me fazer esse pedido, pois, já fazia um bom tempo que havia exibido esse filme.

### **Relato 3:**

Ao final de todas as sessões algumas crianças sempre perguntavam: - “Você vai passar outros filmes pra gente?” - Perguntavam que dia seria e qual o nome do próximo filme que eu iria passar.

### **Relato 4:**

Um funcionário que trabalha como auxiliar de apoio à inclusão me perguntou se, eu poderia salvar para ele os filmes que passo para as crianças na hora do recreio. Ele disse que achou muito interessante esse projeto. Pediu para eu salvar os filmes porque queria levar para mostrar para o filho dele que tem 8 anos.

### **Relato 5:**

Após um recesso de 30 dias, no qual eu estive de férias, voltei para a escola no dia 30/11/14 para prosseguir com projeto “Cinema no recreio”. Recomecei a fazer a seleção dos filmes e preparar a divulgação do filme daquela semana. O curioso é que nesse dia em que voltei era uma segunda-feira, e as crianças já vieram me perguntar: “Já vai ter filme hoje?”. Eu disse que não, mas retomaria as sessões de cinema na próxima sexta-feira, pois o projeto acontece somente às sextas-feiras.

Elas disseram: “Estamos querendo muito ver filmes de novo na biblioteca. Vamos voltar na sexta”.

Quando retornei à escola, fiquei surpresa, pois, algumas professoras e uma coordenadora vieram comentar comigo que as crianças estavam perguntando se eu voltaria logo das férias, pois, queriam que eu voltasse logo para passar os filmes para eles. Vi essa manifestação das crianças como um bom sinal, como uma indicação de que estão se identificando com o projeto Cinema no Recreio, e de alguma forma, se apropriando dele.

## 7. TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para que o cinema encontre o seu lugar na escola e leve o frescor, a arte, a cultura e uma gama de possibilidades no processo de construção do saber, há que se romper com a prática de utilização desse cinema apenas como mero entretenimento ou mais um recurso didático, e levá-lo para a escola como obra de arte e cultura. Portanto, nesse processo de aproximação do cinema com o contexto escolar, é de fundamental importância garantir que as crianças tenham acesso à multiplicidade de linguagens artísticas e estéticas presentes nos “bons” filmes.

Se os filmes forem utilizados no espaço escolar dentro dessa proposta, os projetos de “ver e fazer cinema na escola” tem potencial para produzir alegria e encantamento no processo de construção do saber e assim, produzir aprendizagens significativas. Os esforços dentro da escola, precisam se voltar para a construção e prática de um ensino comprometido com a formação de sujeitos com autonomia, providos de sensibilidade estética, ética e senso crítico, que consigam compreender as complexidades da sociedade em que são sujeitos.

Portanto, faz-se urgente reavaliar as metodologias atuais e repensar o trabalho escolar, visando uma mudança que se proponha a construir mais produção de sentido e significado nos conteúdos e práticas escolares. Nessa lógica, é preciso que a escola se reinvente, que promova a ressignificação dos seus tempos e espaços e ouse experimentar novas práticas no processo de ensinar e aprender.

A alegria e a esperança são exigidas no ensino, pois há esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria (FREIRE; 2009, p. 72).

Acredito que um campo fértil para construir aprendizagens significativas e produzir alegrias e esperanças dentro da escola, seria aliar o ensino à cultura e às artes, dentre elas o cinema, para despertar nos meninos e meninas desde o seu primeiro contato com a escola, o desejo de aprenderem e de compartilharem o que aprenderam. Nessa perspectiva, suspeito que, incluir os projetos de cinema nas práticas escolares tem muito a contribuir para o processo de construção do saber.

Analisando esses aspectos, penso que a metodologia adotada no Cineclubes Cinema no Recreio, considerou e valorizou as crianças como sujeitos desejantes, ativos, livres, aptos a fazerem suas escolhas, capazes de se emocionarem no ato de aprender, pois, durante o projeto as crianças puderam se entregar ao prazer de aprender, respaldados pelo afeto e pela liberdade.

Nessa medida, a proposta do projeto de Cineclubes de levar os filmes para cotidiano da escola e das crianças, permitiu a constituição dessa experiência com o cinema, enquanto arte, como caminho de possibilidades. Um caminho que se bem trilhado, tende a promover uma nova relação com o cinema e um novo olhar sobre a escola.

A partir da boa recepção e aceitação que as crianças e também alguns educadores, tiveram com relação ao “Cinema no Recreio”, a intenção agora é que, os projetos com os filmes se tornem práticas permanentes na Escola Municipal Edith Pimenta da Veiga, e quiçá reverberem, para além dos muros da escola.

## 8. REFERÊNCIAS:

**ALFERES**, Márcia Aparecida; **MAINARDES**, Jefferson. Um Currículo Nacional para os anos iniciais? Análise preliminar do documento “Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental” Currículo sem Fronteiras, v. 14, n. 1, p. 243-259, jan./abr. 2014

**BARROS**, Manoel de. Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008.

\_\_\_\_\_. Menino do Mato. São Paulo. Editora Leya, 2010.

**BERGALA**, Alain. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink – CINEADLISE- FE/UFRJ, 2008.

**BRASIL**. Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União , Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 25/02/2015.

**BRASIL**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização do ensino fundamental. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18543&Itemid=1098](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18543&Itemid=1098)>. Acesso em: 25/02/2015.

**DAYRELL**, Juarez. *In*: A escola vai ao cinema. **TEIXEIRA**, Inês. A. de C.; **LOPES**, J. de S. M. (orgs.). -2.ed.- Autêntica; Belo Horizonte,2003.

**DIAS**, Marília Sousa Andrade & **PAES**, Bruno Teixeira. Cinema, educação e direitos humanos. *In*: Revista Presença Pedagógica v. 20, no120, nov/dez, 2004, p.56-61

**DUARTE**, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

**FREIRE**, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. *In*: Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Esperança. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

**FRESQUET**, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte. Autêntica, 2013.

**MIGLIORIN**, Cezar. Deixem essas crianças em paz: O mafuá e o cinema na escola. *In*:Catálogo do 18 o Festival do filme Documentário e etnográfico. Fórum de Antropologia e cinema. Belo horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2014.

**PARAÍSO**, Marlucy Alves. É Possível um Currículo fazer Desejar? In: **PARAÍSO**, Marlucy (org). Pesquisa sobre currículo e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba. Editora CVR, 2010.

**PICCOLI**, Luciana. Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade. Editora Eldebra, 2012.

**RAMOS**, Ana Lúcia Azevedo; **TEIXEIRA**, Inês A. de Castro. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. In: Revista Contemporânea de Educação. v.5, n.10, jul / dez 2010.

**TEIXEIRA**, Inês. A. de C.; **LOPES**, J. de S. M. (orgs.). A escola vai ao cinema. -2.ed.- Autêntica; Belo Horizonte, 2003.

\_\_\_\_\_. Inês. A. de C.; **LARROSA**, J. ; **LOPES**, J. de S. M. (orgs.). A infância vai ao cinema. -2.ed- Autêntica; Belo Horizonte; 2014.

## **9. FILMOGRAFIA:**

**Laços de Liberdade.** Direção: Charles Chaplin. Estados Unidos, 1918.

**O Farol.** Direção: Po Chou Chi. Estados Unidos, 2010.

**A Maior flor do mundo.** Direção: Juan Pablo Etcheverry. Espanha, 2007.

**Cuerdas.** Direção: Pedro Solís. Espanha, 2014.

**Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo.** Direção: Evandro Salles e Márcia Roth. Brasil, 2007.

**Rua das Tulipas.** Direção: Alê Camargo. Brasil, 2008.

**Vida Maria.** Direção: Márcio Ramos, Brasil, 2006.

**Os Fantásticos Livros Voadores do Senhor Lessmore.** Direção: William Joyce e Brandon Oldenburg. Estados Unidos, 2011.

**La Luna.** Direção: Enrico Casarosa. Estados Unidos, 2011.